

Envelhecendo no “paraíso da terceira idade”: o bairro de Copacabana e sua dinâmica territorial

Mayara Gonzalez de Sá Lobato/UFRJ mayaralobato@hotmail.com

Resumo: Bairro com a maior concentração de idosos da cidade do Rio de Janeiro, Copacabana possui dinâmica territorial extremamente peculiar, com constante implantação de políticas públicas e ações da sociedade civil buscando proporcionar melhor qualidade de vida a esses moradores. A presente pesquisa busca destacar essas ações, assim como as representações desses idosos sobre o bairro em que vivem.

Palavras-chave: Envelhecimento; Cidade; Copacabana; Políticas públicas; Sociedade civil; Representações

Resumo expandido: Segundo os dados do Censo 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 81% dos idosos brasileiros concentram-se nas grandes cidades. O grau de urbanização do idoso tem aumentado ao longo do tempo, como apontam os dados. A proporção de idosos residentes nas áreas rurais caiu de 23,3%, em 1991, para 18,6%, em 2000. Especificamente, a cidade do Rio de Janeiro é a capital do Brasil que abriga a maior proporção de idosos, 12,8%. No bairro de Copacabana localizado na Zona Sul da cidade, um em cada três habitantes é idoso. O objetivo da presente pesquisa é compreender como os moradores idosos desse bairro se apropriam do espaço público, quais as imagens que eles elaboram sobre o bairro, como a infraestrutura do bairro busca se adaptar a esses moradores e como a sociedade civil procura se organizar para defender seus interesses. Ao mesmo tempo, procurarei apresentar como o bairro tem sido foco de políticas públicas voltadas para esse segmento populacional, não deixando de tornar esse território palco de conflitos envolvendo outros grupos de interesse que não os idosos. Como metodologia de pesquisa utilizei a observação participante em espaços públicos do bairro, participação em reuniões de associação de moradores, entrevistas com moradores idosos do bairro e também consulta a jornais do bairro. Pouco tem se discutido sobre relação entre o envelhecimento populacional e a cidade. Destaco, no entanto, o trabalho de Myriam Moraes Lins de Barros¹ que procurou analisar como os idosos moradores de diferentes partes da cidade do Rio de Janeiro percebem as mudanças pelas quais a cidade passou nas últimas décadas, assim como a importância de referenciais espaciais para a elaboração de suas memórias. A relevância do projeto não deve ser considerada auto-evidente. O fenômeno do envelhecimento populacional tem ganhado cada vez mais espaço na literatura acadêmica, assim como na mídia e no processo de elaboração de políticas públicas. Camarano, Kanso e Mello RJ. IPEA.2004) que o aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional era de 4% em 1940 e chegou a 8,6% no ano 2000. Considero importante para o campo antropológico se deter sobre um bairro da cidade do Rio de Janeiro, marcado por inúmeras peculiaridades, dentro as quais destaco a

¹ LINS DE BARROS, Myriam Moraes. “O passado no presente: aos 70 falando do Rio de Janeiro”, *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 4, pp. 91-119, 1997.

presença massiva de pessoas acima de 60 anos, residentes há muitos anos ou recém chegadas ao bairro.

TEXTO COMPLETO

Envelhecendo no “paraíso da terceira idade”: o bairro de Copacabana e sua dinâmica territorial

Mayara Gonzalez de Sá Lobato²

Resumo: O objetivo do artigo é compreender como os moradores idosos do bairro de Copacabana, localizado na cidade do Rio de Janeiro, se apropriam do espaço público, quais as imagens que eles elaboram sobre o bairro, como a infraestrutura do bairro busca se adaptar a esses moradores e como a sociedade civil procura se organizar para defender seus interesses. Ao mesmo tempo, procurarei apresentar como Copacabana tem sido foco de políticas públicas voltadas para esse segmento populacional, não deixando de tornar esse território palco de conflitos envolvendo outros grupos de interesse que não os idosos. Como metodologia de pesquisa utilizei a observação participante em espaços públicos do bairro, participação em reuniões de associação de moradores, entrevistas com moradores idosos do bairro e também consulta a jornais do bairro.

Palavras-chave: Envelhecimento; cidade; Copacabana;

Introdução

O objetivo da presente pesquisa é compreender como os moradores idosos do bairro de Copacabana se apropriam do espaço público, quais as imagens que eles elaboram sobre o bairro, como a infraestrutura do bairro busca se adaptar a esses moradores e como a sociedade civil procura se organizar para defender seus interesses. Ao mesmo tempo, procurarei apresentar como o bairro tem sido foco de políticas públicas voltadas para esse segmento populacional, não deixando de tornar esse território palco de conflitos envolvendo outros grupos de interesse. Como metodologia de pesquisa utilizei a observação participante em espaços públicos do bairro, participação em reuniões de associação de moradores, entrevistas com moradores idosos do bairro e também consulta a jornais do bairro.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ). E-mail: mayaralobato@hotmail.com

Apesar das importantes contribuições que as ciências sociais têm fornecido para o campo de estudos do envelhecimento, pode-se perceber que elas são recentes e que muito ainda pode e deve ser feito. A inspiração acadêmica para este trabalho surgiu através da constatação que a sociologia e antropologia são disciplinas que possuem referenciais teóricos e metodológicos imprescindíveis para a compreensão do fenômeno do envelhecimento.

Meu trabalho busca contribuir para essa temática, buscando relacionar o campo da antropologia do envelhecimento com o campo da antropologia urbana. Pretendo pensar as pessoas que envelheceram e estão envelhecendo nas grandes cidades. O grau de urbanização do idoso tem aumentado ao longo do tempo, como apontam os dados. A proporção de idosos residentes nas áreas rurais caiu de 23,3%, em 1991, para 18,6%, em 2000. 81% deles se encontram nas grandes cidades segundo os dados do Censo do ano de 2000.

O perfil estatístico do idoso carioca (CARNEIRO, 2005) apontou que o destaque do idoso na população da cidade do Rio de Janeiro se dá principalmente por ela apresentar uma das taxas de fecundidade mais baixas do país. No último período censitário, o crescimento da população idosa foi de 22%, enquanto da população como um todo foi de 7%. A Região Administrativa (RA) que mais concentra idoso é a de Copacabana, em que 27,2% da sua população pertencem a esse segmento. Ela é seguida por Paquetá com 21,2% e pela Tijuca com 21,1%. As RAs que possuem as menores proporções são Rocinha (4,4%), Maré (6,2%) e Complexo do Alemão (6,8%), regiões mais pobres da cidade.

A minha escolha pelo bairro de Copacabana se deu por algumas razões. Por ser moradora do bairro, sempre tive muita curiosidade por ele. Copacabana me fascinou pela heterogeneidade dos moradores, espaços e moradias, como também provocou algumas angústias em relação a seus problemas de trânsito, violência, prostituição. Aliada a essa curiosidade pessoal, depois do meu início no curso de ciências sociais comecei a olhar o bairro com o pensamento de que ele poderia ser objeto de um trabalho acadêmico. Quando iniciei o curso de mestrado, senti a necessidade de mudar os temas que vinha estudando até então. Conversando com minha orientadora, que estava voltada para os estudos sobre gênero e envelhecimento, percebi que era o momento de estudar Copacabana. Afinal, meus anos no bairro me mostraram que ele tem uma relação muito estreita com os que

envelheceram. Minhas pesquisas iniciais mostraram que eu poderia ter razão. Há um imaginário sobre Copacabana ser o bairro do e para o idoso. Mas o que isso significa?

Alguns autores têm discutido sobre relação entre o envelhecimento populacional e a cidade. Destaco o trabalho de Myriam Moraes Lins de Barros (1997) que procurou analisar como os idosos moradores de diferentes partes da cidade do Rio de Janeiro percebem as mudanças pelas quais a cidade passou nas últimas décadas, assim como a importância de referenciais espaciais para a elaboração de suas memórias.

Clarice Peixoto (1995) analisou a sociabilidade de idosos em Paris e no Rio de Janeiro. A autora indica que há um elo entre os grupos de idosos desses dois países na medida em que criam manifestações espontâneas de sociabilidade em espaços públicos de suas cidades, revelando, ao mesmo tempo, sentimentos de pertencimento a esses espaços e favorecendo a construção de uma identidade ligada ao envelhecimento.

A imagem de uma velhice monótona, sofrida, estereotipada, aos poucos perde sua força e se desfaz. Desse modo, os espaços públicos multiplicam as possibilidades dos encontros face a face. Com a aposentadoria, traço de identidade principal, eles recriam novos hábitos, um novo emprego do tempo livre. E, se na França o leque das atividades e dos lugares propostos é imenso, no Brasil os idosos são obrigados a reinventar um novo modo de vida através de novas atividades, recriando novos territórios e grupos de pertencimento. Tudo parece indicar que essas práticas de sociabilidade são a reinvenção de uma velhice fundada, a partir de agora, sobre outras estratégias de vida, com uma nova distribuição de papéis; e o espaço público aberto a todos vem a ser um lugar excelente para a exibição de uma imagem positiva: a terceira idade. (PEIXOTO, 1995, págs. 10 e 11)

Envelhecendo no “paraíso da terceira idade”: o bairro de Copacabana e sua dinâmica territorial

O início de Copacabana se deu a partir do ano de 1868, com a chegada das linhas de bonde até o do Largo do Machado, Jardim Botânico, Gávea e Copacabana. A abertura do Túnel Velho em 1892 começa a transformar o espaço de Copacabana em um bairro propriamente dito. A ocupação do bairro se deu de forma acelerada nas primeiras décadas

do século XX, tendo a construção do hotel mundialmente conhecido, Copacabana Palace, em 1923, incentivado a construção dos primeiros edifícios de apartamentos e trazido um ar cosmopolita para o bairro.

Em 1945, Copacabana já é o símbolo da modernidade carioca. Não há quem não queira viver no bairro, estímulo para a indústria da construção civil erguer prédios de apartamentos para as mais variadas camadas das classes médias e altas. Há palacetes. Há conjugados. No início dos anos 60, são abertos túneis que facilitam o acesso à Ipanema. Na década de 1970, a construção do interceptor oceânico leva ao alargamento da faixa de areia, duplica a Atlântica, cria estacionamentos e o mais novo símbolo da orla carioca: o calçadão.³

A década de 1940 em Copacabana é marcada pelo crescimento do comércio, que começa a apresentar no bairro as filiais de marcas mais famosas da época, como Lojas Americanas, Barbosa Freitas e Confeitaria Colombo. Os ônibus já eram os responsáveis por produzir a circulação dos consumidores entre o bairro e o resto da cidade. Marca do bairro também foram as galerias comerciais, como a galeria Menescal existente até hoje. A “modernidade” que era conferida ao bairro também se devia ao fato de ser pioneiro em diversos segmentos comerciais, como o fast-food, o supermercado, farmácia 24 horas. Conjuntamente à rede de serviços, formava-se também ampla estrutura de lazer, com cinemas, bares, restaurantes e teatros.

O bairro verticaliza-se com a demolição de casas e construção de prédios. Com maiores chances de lucro, a partir da década de 1950, imobiliárias começam a construir prédios com apartamentos cada vez menores. A década de 1960 é a de maior crescimento do bairro, um aumento de 85.000 pessoas morando em Copacabana. Gilberto Velho destacou alguns anúncios de jornais que vendiam apartamentos no bairro. O autor selecionou frases como: “Paraíso a beira mar”, “Seja feliz em Copacabana”, “Não negue a sua família o direito de morar em Copacabana” (VELHO, 1973, pág. 22) entre outras. Criava-se o imaginário de um bairro ideal para se morar.

³ Site: Um Balcão na Capital: Memórias do Comércio na Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/sescrrio/artigos_sul.shtml Acesso em 16 de fevereiro de 2011.

Velho também aponta que até a década de 1960 as camadas médias superiores predominavam no bairro. Porém, progressivamente, os setores médios passaram a ocupar os pequenos apartamentos construídos no bairro, que com a desvalorização imobiliária permitem que esses novos moradores adquirissem apartamentos maiores. Segundo Velho:

A cidade como um todo, mas Copacabana em particular, em função de sua riqueza e prestígio político-cultural, atrairá pessoas de camadas médias de outros estados, que vinham para trabalhar nos setores público e privado. (...). Nesse período [entre 1940 e 1960], a sociedade brasileira cresce, diferencia-se e complexifica-se em termos ocupacionais de atividades e de estilos de vida, sendo Copacabana o lócus mais evidente dessas transformações. (VELHO, 2006, pág. 15)

A desvalorização imobiliária é acompanhada de uma desvalorização em termos de prestígio e status. O crescimento da prostituição, tráfico de drogas e da violência no bairro, associados à valorização de outras regiões da cidade igualmente na Zona Sul, provocaram um deslocamento por parte dos seus moradores. Como mostra Velho, em 1970 eram cerca de 250 mil moradores, em 1980 eram 214 mil, e em 1991, 170 mil (VELHO, 2006, pág. 14). Segundo os dados do Censo de 2000, Copacabana tinha cerca de 147.000 habitantes.

Como hipótese de pesquisa, acreditava que os moradores idosos estivessem no bairro não apenas pela facilidade de acesso a farmácias, hospitais e restaurantes. Praticamente, a cada esquina do bairro encontra-se uma farmácia – serviço essencial para os idosos que requerem maiores cuidados com a saúde. Porém, será que essas farmácias atraíram os idosos ou, ao contrário, estes atraíram as farmácias? O mesmo pode ser pensado para os clubes de dança para os idosos, as academias de ginástica com foco nessa clientela, entre tantos serviços que o bairro desenvolveu para esses moradores ou os atraíram para o bairro. E, por que não, as duas coisas?

De fato, durante a realização das entrevistas pude perceber que essa facilidade possui grande importância para a permanência no bairro. A locomoção para o idoso nem sempre é algo fácil. Ter suas principais necessidades como compras de alimentos, pagamento de contas e ida a médicos atendidas através de uma simples caminhada é vista por eles como um grande diferencial de Copacabana. Não se pode pensar que a ampla rede de serviços que facilitam o dia a dia do idoso no bairro é fruto de sua predominância no

bairro. Essa rede, na verdade, é herança dos primórdios do bairro. Atualmente, ela se adapta para atender o idoso, considerando que ele representa grande parte do mercado consumidor do bairro.

Uma entrevistada de 72 anos ao ser perguntada se desejava se mudar do bairro respondeu:

Poderei, não posso dizer não que eu não sei a conjuntura da vida. A gente não sabe qual é o seu futuro, já lhe disse e repito: o futuro a Deus pertence. Mas por minha livre e espontânea vontade eu não sairia de Copacabana e nem daqui. Eu gosto muito da rua, conheço todo mundo. Eu gosto das coisas práticas e perto. Porque você veja bem: se você vai para Ipanema, vamos assim dizer, você tem um monte de lojas, você tem uma padaria aqui, outra acolá, muito bom. Se você vai ao Leblon também... Mas se você vai para Barra... Eu já morei na Barra. Barra você não faz nada sem carro. E não é o carro, é o trabalho de você sair. Se está com fome, quer comer um pãozinho quente, tem que pegar o carro, ir a padaria e voltar. Já perdeu a vontade. Ou você pega um trânsito horrível. (E.C⁴)

Gostaria de destacar ainda os espaços que as redes de sociabilidade ocupam na vida dos idosos e em suas elaborações sobre o bairro. Copacabana é visto como um bairro agradável de morar por proporcionar diferentes espaços de socialização e possibilitar a formação de grupos de amigos. Um dos entrevistados chegou a lamentar a perda de um desses espaços, o Bingo Arpoador. Para ele, o bingo era um “point”, local em que grupos de amigos se reuniam para conversar, jantar, se divertir, contando com a rede de segurança oferecida pela casa. Com a proibição de jogos de azar o bingo foi fechado, desmantelando, em parte, esses grupos formados.

Mesmo com o fechamento do bingo, o bairro ainda possui ampla diversidade de estabelecimentos, tanto públicos como privados, que possibilitam o encontro de amigos. Copacabana tem uma longa faixa de areia e um “calçadão”, onde muitos idosos caminham, fazem ginástica, se banham, praticam esportes. Grupos de convivência, como é o caso da ASSEJUVE, permitem que os idosos se encontrem, aliviando muitas vezes a solidão em que muitos se encontram. Restaurantes, bares, cinemas e teatros podem ser encontrados no bairro, com faixas de preço diversas. Aposentados se reúnem no Posto Seis para jogar

⁴ As iniciais dos nomes dos entrevistados são fictícias.

cartas e conversar. Uma entrevistada, que caminha diariamente no calçadão da praia, afirmou que costuma sair com os amigos que formou no bairro.

C.M. - Então eu aproveito Copacabana... Tenho muitos amigos aqui em Copacabana, graças a Deus tenho muitos amigos.

(Vocês costumam sair, bater papo?)

C.M. – Às vezes nós vamos... Ficamos até 23h tomando uma cervejinha, um choppinho. Quem é de chopp é chopp, quem é de refrigerante é refrigerante. Então levamos a vida assim.

Para compreender a importância a oferta de serviços e de espaços de integração social na vida desses idosos devemos atentar para suas falas e expectativas em relação a vida. Uma das entrevistadas, presidente do Conselho do Idoso de Copacabana, conseguiu trabalho temporário em um banco para uma senhora de 87 anos. Após enfrentar o preconceito de alguns dirigentes, a senhora conseguiu o trabalho, sendo muito elogiada e requisitada pelos clientes. Para a entrevistada, é essencial tanto a participação dos jovens quanto a dos velhos. Não existiriam motivos para uma pessoa com a experiência e o preparo dela não poder trabalhar. Além do mais, ressalta que tem a necessidade de aprender com o jovem, procurando sempre se atualizar sobre as novidades do mundo.

A alegria com que os entrevistados falaram de suas vidas também foi notável. Percebi que para eles manter-se ativo tanto fisicamente quando mentalmente é essencial para o chamado “bom envelhecimento”. Esse “bom envelhecimento” é compreendido como aquele em que se tem saúde e se pode usufruir da vida, sem a necessidade de depender dos amigos e familiares. Caminhadas, palavras cruzadas, leitura de revistas, inserção social, jogos... Todas essas seriam formas de se manter ativo, mesmo após a aposentadoria. Copacabana é o bairro que possibilita que esse “bom envelhecimento” se realize.

Esse tipo de resposta coincide com a que foi encontrada em pesquisa realizada com idosos de várias partes da cidade do Rio de Janeiro pela pesquisadora Mirian Goldenberg. Os entrevistados destacaram que o envelhecimento só chega para aqueles que assim o permitem: “Se você viver sempre alegre e de bem coma vida o teu espírito não envelhece”, “Só se sente envelhecer quem não pratica atividades físicas e mentais”. Essas respostas ressaltam a importância do indivíduo que retarda ou até mesmo impede o envelhecer. Subjacente a elas encontra-se a ideia de que o envelhecer está acompanhado de decadência

do corpo, do espírito e da mente. Assim, todos seriam capazes de impedir esse processo sendo sujeitos ativos. É a velhice que se “reinventa”.

Em minhas entrevistas obtive a seguinte resposta quando questionei sobre a importância das atividades na vida do idoso: “Todo mundo devia seguir uma atividade. Iam envelhecer menos... A idade envelhecia, mas o corpo não.” (C.M.) Essa ideia está de acordo com o que Guita Debert chama de “reprivatização” da velhice, quando o velho se torna o responsável pelo seu próprio envelhecimento, cabendo a ele se manter ativo, consumir determinados produtos, ter uma alimentação balanceada, entre outras ações.

Por trás dos destaques positivos dados ao bairro por seus moradores idosos, durante as entrevistas também pude perceber seus descontentamentos em relação a outras gerações e ao Estado. Para eles, os jovens de hoje em dia seriam insensíveis ao idoso, não cedendo o lugar nos ônibus e no metrô quando o idoso precisa, entre outras ações. Uma entrevistada relata que uma vez entrou no metrô e todos os lugares se encontravam ocupados. Um homem em torno dos 30 anos estava sentado no lugar preferencial dos idosos e quando viu que ela estava se aproximando, fingiu que dormia. As outras pessoas que estavam no metrô falaram para a senhora que ele não estava dormindo, estava acordado, e em seguida lhe cederam o lugar. Ao mesmo tempo, a mesma entrevistada destacou que ainda encontra pessoas que cedem o lugar, ajudam a carregar compras, são solícitas. A fala de uma entrevistada é representativa do sentimento de “descaso”.

Você pensa que o idoso gosta dessa insensibilidade do mundo de hoje? Não! Nós nunca precisaríamos de um estatuto do idoso para ser respeitado. Nós temos anos de vida nas costas, nós produzimos para este Brasil estar sim. Todos teriam que agradecer todos nós, idosos, aposentados. Que se o Brasil está hoje assim, nesse caminho, sobrevivendo de bom ou ruim, mas sobrevivendo, nós ajudamos a construí-lo. (E.C.)

Além do mais, há uma sensação de abandono por parte do poder público que permeia as entrevistas e as falas nas associações de moradores. Para eles, o idoso está “esquecido”, abandonado pelo estado que não estaria atento para as suas principais necessidades. Copacabana seria um reflexo desse descaso com o idoso com praças abandonadas, calçadas desassistidas, problemas de segurança com a falta de preparo dos guardas municipais. Um entrevistado destacou que o problema não é a quantidade de

guardas nas ruas do bairro e sim o despreparo e a falta de atenção deles com o que acontece no entorno, visto que estariam sempre conversando.

Os idosos destacaram o abandono de algumas praças, como é o caso da Praça Sarah Kubitschek na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Antes espaço de lazer e sociabilidade de muitos deles, hoje em dia a sujeira, o tráfego de drogas e a presença de moradores de rua afastam esses idosos do local. Além do mais, apontaram também o descaso da prefeitura com a manutenção de calçadas. Os idosos não utilizam apenas os meios de transporte para se locomoverem, mas também fazem uso das calçadas e ruas de Copacabana.

Não apenas durante o meu trabalho de campo, mas igualmente durante os 22 anos que vivo no bairro, presenciei inúmeras cenas de tropeços e quedas principalmente por parte desses moradores. As calçadas feitas por pedras portuguesas e sem receberem os devidos cuidados tornam-se obstáculos para as caminhadas. Nas queixas contra o descaso em relação às calçadas, a prefeitura da cidade é o principal alvo das reclamações. Percebe-se como a preocupação com a conservação das calçadas não é algo peculiar ao idoso “copacabanense” ou carioca. Em pesquisa (Ferreira, 2009) realizada na cidade de Belo Horizonte com idosos, quando perguntados sobre as principais preocupações quando saem às ruas, 78% declararam terem medo de serem assaltados e 48,2% disseram ter medo de caírem por problemas nas calçadas.

Outra hipótese de pesquisa que tinha em mente era de que a agitação do bairro poderia ser um atrativo para muitos idosos. O bairro é sempre palco de grandes eventos esportivos e culturais de destaque internacional, como é o caso da queima de fogos na praia durante o Ano Novo. Durante a semana e principalmente aos sábados e domingos há grande movimento nos bares e casas noturnas, apontando, assim, para um bairro que não dorme, que pulsa e que pode transmitir a sensação de uma vida que se renova.

Se o barulho dos bares pode incomodar alguns idosos, será que esse mesmo barulho pode dar a alguns o sentimento de presenciarem a vida que ainda acontece? A agitação do dia a dia com os grandes engarrafamentos, o entra e sai em lojas, os gritos dos camelôs podem fazer com que se sintam menos velhos e mais inseridos na vida urbana?

De fato, essa é uma questão ambígua e que gera conflitos no bairro. Alguns idosos que entrevistei destacaram que gostam do barulho e agitação.

Porque o idoso normalmente quer silêncio, paz para dormir, depois do almoço tem que ir dormir, quer silêncio, o ônibus que passa faz barulho, os carros também, as pessoas falam na rua. Então aqui, eu falo por aqui, aqui só têm idosos. É uma reclamação geral, porque eu paro aqui, tá cheio de gente no dia de jogo, gritam, falam. Eu já sou ao contrário. Eu adoro a bagunça. (E.C.)

Por outro lado, durante a reunião da SAC em outubro de 2010, muitos idosos reclamaram do barulho dos bares e boates e dos churrascos realizados nas calçadas. A fala de todos se dirigia no sentido de destacar que as reclamações eram constantes e que a prefeitura, por sua vez, não atendia a essas reivindicações. O representante da Secretaria de Ordem Pública presente na reunião destacou que era muito difícil conseguir fechar bares, pois eles sempre entravam na justiça e conseguiam a reabertura. A aplicação de multas, por sua vez, era o que podia ser feito.

Copacabana é um bairro que não está longe de se envolver em conflitos e disputas pelos diferentes usos dos espaços públicos e privados. Idosos se dividem entre o gosto pelo barulho e agitação, enquanto outros se opõem. Bares e boates, por sua vez, desejam que possam ficar abertos até de madrugada, ansiando por maiores lucros. A prefeitura, por sua vez, tenta cumprir o papel de conciliadora dos interesses envolvidos, atendendo a reclamações dos moradores e regulando o funcionamento dos bares.

Durante meu trabalho de campo fiz uma observação que pode ser “boa para pensar” sobre as disputas, conflitos e incoerências em torno das normas sociais, assim como sobre o “fazer etnográfico”. Apesar da existência de uma placa da prefeitura proibindo a presença de ambulantes na praça Serzedelo Correia, estes circulavam pela mesma vendendo sorvetes em carrocinhas. Este fato ocorria enquanto alguns guardas municipais se encontravam na praça, o que contrariava minhas expectativas. Afinal, esses guardas seriam os agentes legitimados – tanto pelos órgãos públicos quanto pela população da cidade - para fiscalizar o cumprimento desse tipo de regra.

J. Van Velsen apresentou as principais características da análise situacional. Para o autor, um dos pilares desse tipo de método reside na constatação de que as normas em uma sociedade não formam um todo coerente, mas podem ser vagas e discrepantes. Assim, um dos focos desse tipo de análise estaria no estudo das normas em conflito. Há inúmeras disputas sobre quais normas devem ser aplicadas em determinados casos ou não. Ao

antropólogo não caberia, em um debate de interpretações e versões sobre um fato, decidir sobre qual posição é a correta e qual a errada, ou seja, qual norma deve prevalecer. “Para o sociólogo interessado em processos sociais, não existem pontos de vista ‘certos’ ou ‘errados’, há pontos de vista diferentes representando diferentes grupos de interesse, status, personalidade e assim por diante.” (Van Velsen, 2010, p. 465) Assim, o campo se configura como sendo concorrências por pontos de vista.

Pensando minha observação na praça através das lentes da análise situacional, não caberia a mim, antropóloga, decidir se os ambulantes estavam corretos em vender o sorvete na praça – afinal, era um dia de sol e muitos idosos poderiam se refrescar. Também não me caberia apontar que a placa da prefeitura estava correta – afinal, a presença de muitos ambulantes poderia prejudicar o espaço de socialização e lazer da praça.

É fundamental para uma análise antropológica a compreensão dos diferentes atores e interesses envolvidos nesse jogo de disputas em torno de uma norma – os frequentadores daquela praça, os ambulantes interessados em vender seu produto, os guardas municipais responsáveis por aquele local e os órgãos da prefeitura responsáveis pela ordem pública e manutenção das praças. Através dos discursos dos *dramatis personae*, nos termos de Van Velsen, podemos compreender quais são as categorias (econômicas, políticas, morais) envolvidas em um debate que pode nos informar não apenas sobre a ação dos ambulantes na praça, mas também sobre a sociabilidade desse lugar, seus conflitos e dinâmicas.

A mesma praça pode nos ajudar a pensar sobre a forma como o idoso se relaciona com o espaço público do bairro, com outros idosos e também sobre a atuação do Estado. Em minhas observações feitas na Serzedelo Correia, prestei atenção especial à academia ao ar livre frequentada pelos idosos. Diversos idosos se encontram ali, seja utilizando os aparelhos disponíveis ou então se alongando. Alguns aparelhos eram utilizados para exercícios aeróbicos que movimentam braços e pernas, enquanto outros auxiliavam no alongamento do corpo. Observei que a grande maioria não vestia roupas apropriadas para os exercícios, mas sim calças jeans, sandálias e chinelos e até mesmo carregavam bolsas. Pela minha experiência em academias é comum e indicado por profissionais o uso de tênis, meias, roupas confortáveis e elásticas, com as mãos livres para o uso dos aparelhos.

Alguns idosos pareciam estar “familiarizados” com a pequena academia, enquanto outros se encontravam “perdidos”, sem saberem o que fazer. Os “familiarizados” chegavam

e se dirigiam diretamente para os aparelhos, iniciando o exercício imediatamente. Os “perdidos” ficavam andando em volta dos aparelhos, como se procurassem algum manual ou ajuda. Quando uma senhora começou a utilizar um aparelho, mas demonstrou não saber utilizá-lo corretamente, os outros que ali se encontravam logo se prontificaram a explicar como usá-lo.

A partir dessas observações, penso que a academia ao ar livre se configura como um importante espaço de sociabilidade no bairro. Esse espaço também permite que os idosos possam ajudar uns aos outros, estreitando muitas vezes os laços de amizade já existentes. Mesmo sem a ajuda de um profissional de educação física e contando apenas com uma placa indicativa, a praça também aparece como uma das atuações do Estado.

O Estado é um ator que constantemente interfere na dinâmica do bairro. Diversas políticas públicas voltadas para o idoso começaram a ser implantadas a partir de Copacabana. É o caso da primeira academia ao ar livre preferencial para os idosos, localizada nesta praça, e que vem sendo implementada em outras praças da cidade. A Delegacia Especial de Atendimento à Pessoa de Terceira idade, antes funcionando em uma sala improvisada na Central do Brasil, em junho de 2010 foi transferida para Copacabana e reinaugurada, contando com elevador, ambiente reservado para o repouso e adaptações para portadores de deficiência.

Outros atores também deixam sua marca no bairro. A Organização Mundial da Saúde (OMS) escolheu Copacabana como laboratório para um estudo que busca soluções para melhorar a qualidade de vida dos idosos nas grandes cidades, tendo desenvolvido o projeto “Porteiro Amigo do Idoso”, que visa habilitar os porteiros dos prédios a ajudar o morador idoso.⁵ O porteiro foi identificado através do estudo como apoio importante na vida dos idosos da cidade. Para Alexandre Kalache, médico e diretor do Departamento de Gerontologia na OMS:

Percebemos que o porteiro tem uma ligação muito forte com o idoso e geralmente é ele quem presta a primeira ajuda. (...) Durante o curso apresentaremos um roteiro para que o porteiro observe o que pode ser melhorado no edifício como se precisa de melhor

⁵Mais informações sobre o projeto:

<http://www.rj.senac.br/webforms/SenImprensaDetalhe.aspx?pSecaoId=80&pInfoID=4035>

Acesso em 10 de fevereiro de 2011.

iluminação, tirar um tapetinho que atrapalha em algum local, consertar a calçada, colocar uma tampa, se é necessário mais corrimão, enfim se preocupe com a melhora do conjunto.⁶

A mídia frequentemente veicula reportagens que procuram mostrar o cotidiano de Copacabana, as peculiaridades do bairro, seu atrativo turístico, entre outros aspectos. Em matéria da revista Folha Online, o bairro aparece como “paraíso da terceira idade”.⁷ O Globo Repórter, programa da Rede Globo, apresentou no dia 13 de agosto de 2010 matéria sobre o envelhecimento, em que indicava as principais atitudes que o idoso deveria ter para viver mais. Destacou o bairro de Copacabana como sendo um laboratório da terceira idade, visto que lá estava em andamento a pesquisa da OMS sobre a “Cidade Amiga do Idoso”. Ao falar dos idosos moradores do bairro mencionou que eles faziam parte de uma juventude que para lá havia se mudado e que nunca havia deixado o local.

O “Bom Dia Rio”, programa da mesma emissora, fez uma série de reportagens especiais sobre o idoso brasileiro, em 2009. Uma das matérias se intitulava “Copacabana é a capital brasileira dos idosos” e afirmava: “Em relação aos idosos, Copacabana é quase uma sociedade oriental. De cada dez pessoas que vivem aqui, três têm mais de 65 anos. Um índice igual ao do Japão e o dobro do restante do Brasil. Copacabana é a capital brasileira dos cabelos brancos.”⁸

Reportagem da revista Rio Digital, da PUC Rio, sobre o calçadão da praia de Copacabana, destacou o personagem que predominaria nesse cenário:

Crianças, ciclistas, turistas, vendedores, ali se encontra de tudo um pouco. Mas o símbolo do calçadão e figurinha carimbada que está lá todos os dias é o idoso. Para quem tem mais idade Copacabana proporciona uma vida boa para descansar e se divertir. Além disso, a facilidade de ter tudo muito próximo é algo que eles adoram. (...) Para a turma da melhor idade parece não haver melhor lugar.⁹

⁶ Jornal do Posto Seis, agosto de 2010, ano 16, número 296, pág. 24.

⁷ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/turismo/noticias/ult338u476.shtml> Acesso em 11 de março de 2011.

⁸ Fonte: <http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,,MUL1348872-16020.00-COPACABANA+E+A+CAPITAL+BRASILEIRA+DOS+IDOSOS.html> Acesso em 11 de março de 2011.

⁹ Fonte: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/13%20-%20o%20cal%C3%A7ad%C3%A3o%20de%20copacabana.pdf> Acesso em 11 de março de 2011.

Associações de moradores, conselhos, câmaras comunitárias, e entre outras formas de organização da sociedade civil também estão presentes no bairro. Em breve levantamento, contabilizei cerca de 20 associações. Frequentei reuniões da Sociedade Amigos de Copacabana (SAC), realizadas na última quinta-feira do mês, com o intuito de tentar compreender as principais demandas dos moradores, assim como o posicionamento da sociedade em relação ao cotidiano do bairro.

A SAC procura trazer para as suas reuniões representantes do governo para debater temas como transporte, segurança, ordem pública e outros. A sociedade destaca que não possui nenhuma filiação partidária, sendo sempre voltada para a atuação junto aos moradores do bairro. Estes podem enviar dúvidas, sugestões e reclamações por e-mail ou então apresentarem os seus problemas durante a reunião. A SAC ainda promove diversas campanhas como a campanha contra a dengue, contra a doação de esmolas para os moradores de rua e também promovendo a conservação das calçadas. Posicionamento freqüente da SAC é destacar a importância dos idosos, procurando sempre ouvir aqueles que compõem grande parte da população do bairro.

Considerações finais

Copacabana possui uma história e tradição que são comuns ao menos para esses moradores que há tanto tempo moram no bairro. Acredito que há diversos “mundos” dentro do bairro. Há os espaços de sociabilidade dos idosos, rede de serviços e atendimentos, grupos de convivência. Ao mesmo tempo, existe a organização moral da prostituição em Copacabana, do tráfico de drogas, das boates. Para Gilberto Velho (2006) pode-se falar em “mundos de Copacabana”:

A fragmentação e trânsito entre domínios e papéis sociais não se explicitam mais, como são mesmo induzidos por um *ethos* de características como as de Copacabana, levando ao extremo algumas das reflexões de Simmel, Park e Wirth sobre a especificidade do meio urbano. A complexidade e heterogeneidade expressam-se através de vários *mundos sociais*, com particularidades, densidade própria e fronteiras. Eles são dinâmicos, estando em permanente processo de mudança e interagindo uns com os outros. (VELHO, 2006, pág.22)

“Mas por que envelhecer em Copacabana, o que tem de especial lá?”. Esta pergunta eu fazia a uma conhecida, com cerca de 50 anos, que mora na Zona Norte da cidade, no bairro do Méier, e que disse que pretendia se mudar em breve para Copacabana para então envelhecer no bairro. Ela morava em um apartamento com três quartos, em um condomínio com piscina, academia, sauna, salão de festas, vaga na garagem, pagando uma taxa condominial que era a metade do que eu pago no meu prédio em Copacabana, que conta apenas com uma vaga na garagem. A área em que ela reside tem amplo comércio e facilidade de acesso a diversos pontos da cidade, cerca de 5 minutos de distância de um dos maiores shoppings do Rio de Janeiro.

“O que tem em Copacabana que você não encontra aqui?” E disse que pretendia ficar mais próxima do mar e curtir a velhice com o marido em outro ambiente, fora do espaço do condomínio. A amiga dela também interessada em se mudar para o bairro interrompeu a conversa e disse: “Todas as esquinas têm farmácia e hospital. Eu estou ficando velha, vou precisar disso tudo”. Ela ainda falou que Copacabana era o bairro onde tudo era permitido e que quando ficasse velha poderia se relacionar com homens mais jovens sem ser censurada ou criticada.

Essa conversa informal me ajudou a pensar sobre o imaginário acerca do bairro. As falas reafirmaram a ideia de que Copacabana é um bairro de velhos. A oferta de serviços aparece com destaque nos argumentos para morar em Copacabana, mas também se pensa na esfera das experiências subjetivas. Não basta ter por perto uma farmácia. Mudar-se para Copacabana, para elas, é um caminho natural para quem quer envelhecer bem.

Ir para Copacabana para viver a velhice é um projeto que abrange não apenas o lugar, mas também amizades, família, recursos financeiros, etc. Esse projeto é influenciado pelas representações sobre o bairro. Enquanto para uma mulher era importante a possibilidade de viver um caso amoroso com um homem mais jovem, para outra importava passear na praia com o marido. Para as duas, Copacabana é o bairro ideal para a realização de seus planos e para uma “boa velhice”.

A despeito da existência de diversos “mundos” em Copacabana, parece prevalecer a ideia de um bairro bom para se envelhecer. Estado, sociedade civil, mídia e outros atores também reforçam esse discurso. Os idosos moradores do bairro também afirmam que

Copacabana é um excelente lugar para se envelhecer e é lá que eles querem continuar vivendo.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Alcides. *Idosos: um perfil estatístico da terceira idade no Rio de Janeiro*. Coleção Estudos Cariocas, Fevereiro, 2005.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. “O passado no presente: aos 70 falando do Rio de Janeiro”, *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 4, pp. 91-119, 1997.

FERREIRA, Fabiane Ribeiro et. al. *Aging And Urbanization: The Neighborhood Perception and Functional Performance of Elderly persons in Belo Horizonte Metropolitan Area – Brazil*. Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine, New York, 2009.

PEIXOTO, Clarisse. “A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: em busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, SP, v. 27, p. 138-149, 1995.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo, Unesp, 2010 .

VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: Um Estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.

_____. “Os mundos de Copacabana”, In *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.